

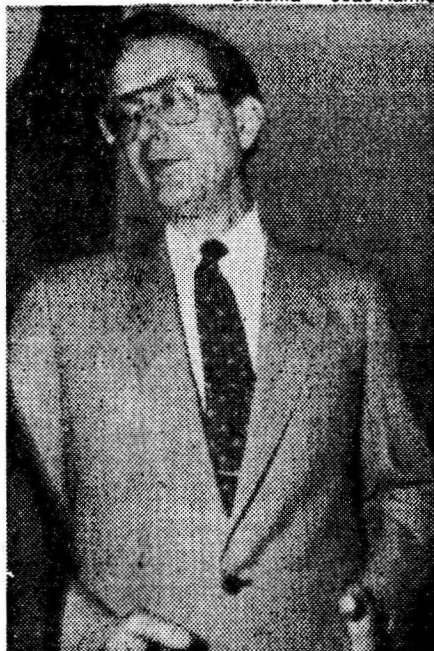
Reed diz que bancos confiam no Brasil

BRASÍLIA — O presidente do Citibank, John Reed, o maior credor privado do Brasil no exterior, fez veementes elogios ao plano brasileiro de ajuste econômico e garantiu que existe atualmente, na comunidade financeira internacional, "uma confiança na condução da política econômica brasileira que não existia seis meses atrás". Depois de conversar por quase uma hora com o presidente Fernando Collor, Reed traçou uma perspectiva bastante favorável para as próximas negociações entre o governo brasileiro e a comunidade financeira internacional. Elogiou os resultados obtidos pela equipe econômica até agora e citou a vinda do presidente dos Estados Unidos, George Bush, ao Brasil, marcada para setembro próximo, como um indicador de que o país tem boas condições para renegociar sua dívida externa.

Reed esteve com a ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, acompanhado do presidente do Comitê Assessor de Renegociação da Dívida Externa, William Rhodes e do presidente do Citybank no Brasil, Antônio Boralli. Em seguida, acompanhados de Zélia, eles foram ao Palácio do Planalto. "O Brasil tem agora uma boa oportunidade para normalizar suas relações com a comunidade financeira internacional. O plano de ajuste econômico denota muita coragem e conseguiu, em dois ou três dias, recuperar o controle sobre a economia", avaliou.

O presidente do Citibank previu que este ano haverá uma queda do Produto Interno Bruto (o que significa um período de recessão econômica), mas considerou que a inflação sofreu uma redução significativa, permitindo que a economia recupere, posteriormente, condições para continuar crescendo. Reed, que também é presidente do Citicorp, a *holding* que controla os negócios do grupo, passou rapidamente por Brasília, de volta da Argentina, mas tem seu retorno ao Brasil programado para o próximo dia 31, quando

Brasília — João Ramid



Rhodes esteve no Planalto

aprofundará o diálogo com as autoridades brasileiras.

Numa rápida entrevista, à saída do Planalto, ele afirmou que o atraso de pagamento de juros aos bancos estrangeiros, por parte do Brasil, "é um problema que cresce à medida que crescem os atrasados". Mas fez uma previsão animadora sobre o que pode acontecer nos próximos meses. Lembrou que a classificação do Brasil como inadimplente, pelo Icerc (comitê de órgãos do governo norte-americano, que controla o grau de risco de empréstimos privados ao Brasil), decidida esta semana, cria problemas para o país a curto prazo. No entanto, ele garantiu que essa questão poderá estar superada até o final do ano, quando os credores estrangeiros chegarem a um acordo com o governo brasileiro sobre a renegociação da dívida externa.